MOREIRA, Fábio Mallart. Cadeias dominadas: Dinâmica de uma instituição em trajetórias de jovens detentos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Luciana Medeiros*
Joana Cabral de Oliveira**

* Especialista em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas pela FESPSP.
E-mail:
lumedeiros.fe@gmail.com

** Doutora em Antropologia Social pela USP.
E-mail:
joanacoliveira2@gmail.com

A dissertação *Cadeias dominadas*: dinâmica de uma instituição em trajetórias de jovens detentos (2011) apresenta uma etnografia do funcionamento da fundação Casa, tendo como fio condutor as histórias de vida de alguns jovens detentos. A entrada do pesquisador, Fábio M. Moreira, na instituição se dá por meio de seu trabalho em organizações não governamentais, por meio das quais o autor oferece cursos de fotografia e jornalismo aos internos.

"Por que temos um curso de foto se a gente não pode fotografar e ser fotografado?". Essa pergunta, feita por um grupo de jovens detentos em carta endereçada à direção de uma das unidades da Fundação Casa, sintetiza o paradoxo metodológico que move a pesquisa de Fábio Moreira. Se é por meio da câmera fotográfica que o pesquisador consegue se inserir entre os jovens, bem como evidenciar uma série de conflitos em que os atores (menores, funcionários, educadores etc.) se envolvem em seu cotidiano institucional, curiosamente a fotografia não aparece na dissertação, deixando o leitor instigado acerca das imagens produzidas nesse processo. Contudo, se imageticamente os retratos não figuram no texto, sua narrativa é construída como descrição de imagens (o que ele chama de "fotografias textuais"), as quais ele pretende colocar sequencialmente com o intuito de retratar movimentos e dinâmicas processuais. Note-se que um dos eixos centrais desse trabalho é o processo

de constituição da instituição, em uma perspectiva que busca apresentar o movimento histórico que lhe é inerente.

Outro paradoxo que perpetra movimento à instituição é entre a intenção da Fundação de recuperar e inserir os jovens infratores por meio de ações socioeducativas que, na perspectiva dos detentos, é lida como um aprendizado sobre a bandidagem, o que eles denominam *caminhada*. A *caminhada* pelo crime, logo também por instituições punitivas, rende respeito e reconhecimento aos infratores, como podemos ler no depoimento, apresentado por Moreira, de um detento: "A verdade é que só os mano que fica uma cota dentro da cadeia [que permanecem internados por um bom tempo] é que sai daqui de dentro com um conhecimento. Os manos [ladrões] lá de fora valoriza a caminhada [experiência] que você constrói aqui dentro" (p. 20).

Ao acompanhar as trajetórias pessoais de alguns detentos, Moreira tece uma análise que, ao cruzar dados históricos e políticos, tirados da bibliografia, evidencia como se pode compreender o contexto mais amplo a partir de uma micro-história pessoal. Não por acaso, o primeiro capítulo toma como fio condutor a história de Lucas, um rapaz que é entregue pela mãe a uma instituição socioeducativa (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – Funabem) aos 2 anos de idade, em 1973. Por meio da história de Lucas, que passa 15 anos internado acompanhando as mudanças institucionais (de Funabem para Febem e, por fim, Fundação Casa, bem como sua diversidade apresentada nas várias Unidades Educacionais), o autor apresenta e analisa as mudanças históricas dos aparatos de controle social. Por meio dessa estratégia discursiva, Moreira consegue conduzir o leitor pelo processo histórico de constituição da Fundação Casa, fornecendo concomitantemente uma análise qualitativa do funcionamento interno dos aparatos de controle.

Lucas é um personagem estratégico para tecer essa análise, pois ele não só foi interno em um período importante de transição da instituição, como também retorna a ela quando essa já se apresenta como Fundação Casa, o que permite acessar um longo período da instituição. Além disso, o motivo que leva Lucas a voltar como educador para dentro dos muros é, justamente, a necessidade pessoal que ele encontra de compreender as mudanças na dinâmica sociabilidade intramuros em relação a sua época. Ao trabalhar com teatro entre jovens da periferia de São Paulo, ele nota que muita coisa mudou na vida do crime e, para compreendê-la, ele se vê impelido a retornar para o que fora a Febem.

O que o autor nos mostra nesse processo é que há um entrelaçamento de causas distintas – de um lado um contexto político oficial de transição da ditadura para a democracia que gera mudanças no Estatuto da Criança e do Adolescente, e de outro a emergência do crime organizado com o Primeiro Comando da Capital (PCC).

Na época do governo militar, as estratégias "socioeducativas" vivenciadas por Lucas e outros menores eram: trabalhos forçados, torturas, marcações de técnicas corporais rígidas, separação de irmãos... Outro marco importante nesse histórico institucional foi a junção de menores abandonados (o caso de Lucas) com menores infratores, em que os últimos começam a incutir uma organização interna com regras de conduta (proibição de estupro, divisão de bens, proibição de roubos etc.) e incitação de rebeliões, reflexo da sintonia entre os menores infratores e o PCC. Como podemos notar na seguinte passagem:

> *Os espaços de internação, que durante a sua longa permanência em Amparo eram chamados de lares, passaram a ser designados, tanto pelos funcionários como pelos internos, como cadeia. Se no período em que Lucas esteve em Batatais, a entrada dos adolescentes no espaço institucional era marcada pelo batismo da molecada, isto é, pelas inúmeras agressões físicas, no presente momento, tais práticas dão lugar às considerações tecidas sobre o histórico dos recém-chegados, procedimento marcado pelo diálogo e não pela violência entre os internos (p. 59).*

O autor passa, assim, a nos introduzir ao vocabulário e às formas de organização dos jovens infratores, fazendo a passagem para a trajetória de dois ex-detentos que fizeram parte de suas oficinas de fotografia. Esses dois atores nos conduzem a uma visão das dinâmicas internas atuais, bem como das relações travadas entre os infratores e o PCC.

Essa relação entre os menores infratores e o PCC não é direta, ou seja, esses jovens não fazem parte do *partido*, contudo seguem as regras de conduta e a cartilha dessa organização, estabelecendo um diálogo com alguns membros do PCC (*os irmãos*). Assim se tem uma simetria da Fundação Casa em relação ao sistema penitencial. Essa é uma mudança importante em relação à década de 1980, mudança que se dá, sobretudo, nas relações de poder entre os atores (entre internos, entre internos e corpo funcional) que interagem na esfera da Fundação Casa.

Antes de seguir é preciso, contudo, ter claro como Moreira define **poder**, pois esse conceito é central para compreender as dinâmicas internas da instituição,

bem como as mudanças pelas quais ela passou ao longo do tempo, o que está diretamente ligado à disputa de poder entre jovens internos e corpo institucional. O autor toma de empréstimo a definição de Norbert Elias (1970), que destaca um aspecto eminentemente relacional, ou seja, trata-se de uma relação entre dois termos e que por isso está sujeita a flutuações, como sintetiza Moreira para o caso estudado: "O poder, dependendo do arranjo institucional, isto é, da forma que as relações assumem numa determinada conjuntura, pode mover-se para diante e para trás, para um lado e para o outro" (p. 63).

Como se notará, essa concepção relacional de poder é fundamental para compreender as dinâmicas que Moreira pretende descrever. Nesse cenário, outro conceito-chave é o de *configuração*, também definido por Norbert Elias. A configuração é uma ferramenta conceitual necessária para dar conta do processo, do movimento, que apesar das diferenças guarda semelhanças estruturais, como podemos notar em um trecho do depoimento de Lucas, que depois de enfatizar as mudanças, sobretudo as condutas morais e o poder dos jovens internos notado por ele como uma ruptura em relação ao seu tempo de internação, aponta que muitos aspectos permanecem:

> *Olha... ao mesmo tempo eu achei tudo muito parecido [...] Eles podem estar no poder, mas eles têm o condicionamento da instituição, a instituição ainda dá medo pra eles [...] A cor daqueles muros, padrão, cara, não mudou, não mudou. O jeito que as pessoas olham, os funcionários, o jeito que olham [...] A instituição como um todo, a forma opressora dela não mudou, é do mesmo jeito (p. 65).*

Dessa maneira, passamos para o segundo capítulo, sobre a dinâmica interna da Fundação Casa. A estratégia narrativa de tecer a trajetória pessoal de um interno juntamente com o quadro sociopolítico se mantém, sendo que o foco central desse contexto amplo são os ataques do PCC em 2006, que fizeram a cidade de São Paulo se fechar em medo. Assim, somos apresentados ao Pedro. Por meio da história desse jovem infrator, o autor intercala informações oficiais (dos padrões de ação da polícia e da instituição frente às rebeliões e aos jovens líderes) com informações oficiosas (acerca de como esses jovens se organizam internamente e estabelecem a relação com o PCC).

A trajetória de Pedro permite ao autor desvendar os processos internos de constituição de lideranças e da organização de rebeliões, juntamente com os mecanismos de funcionamento da instituição e as estratégias do Governo do Estado de São Paulo para a contenção e desestruturação da organização dos menores que, apesar das transferências e da violência, conseguem se

reorganizar a cada golpe. Moreira nos apresenta, assim, à complexa hierarquia de cargos e funções ocupados pelos jovens internos, organização que é subsidiada formalmente pelo PCC, e a suas regras de conduta em *cadeias dominadas*, ou seja, que se encontram nas mãos dos menores infratores.

Internamente há uma dinâmica entre funcionários e internos que é regida por uma série de posturas éticas e padrões de comportamento velados, que só uma longa inserção de pesquisa é capaz de descrever. Vive-se no fio da navalha, uma *caminhada* tensa para todos que partilham desse cotidiano, sejam internos ou funcionários de diferentes posições (de pedagogas aos *funça do pátio*). Ao tratar das *cadeias dominadas*, essas complexas relações entre funcionários e jovens infratores é apresentada, desembocando em mais um paradoxo: os funcionários e mesmo os diretores das instituições dominadas reconhecem que esse princípio de ordem, desempenhado por lideranças (que em um de seus mais altos postos são chamados de *disciplinas*), torna o funcionamento interno da instituição mais viável – qualquer princípio de ordem, mesmo que vindo do crime, é melhor que o caos. Como podemos ler na seguinte passagem:

> *Tal constatação, angustiante para os integrantes do corpo funcional, auxilia-nos a compreender o motivo pelo qual os funcionários dos distintos setores institucionais, ao mesmo tempo em que rechaçam as lideranças, enfatizando que tais adolescentes oprimem os jovens da população e agem em benefício próprio, recorrem a elas legitimando a atuação dos disciplinas (p. 97).*

Obviamente a acusação de que os líderes da cadeia (os *faxinas*, *pilotos*, *disciplinas*, *toque da cadeia* e *toque geral*) agiriam em benefício próprio de maneira opressiva em relação aos demais (a *população*) não é corroborada pelos jovens que vivem intramuros. Os jovens da *população* entendem que as lideranças são responsáveis pelo funcionamento da cadeia e zelam por um "bem-estar" de todos. As regalias de que usufruem seriam um pagamento pelo duro trabalho desempenhado para manter a cadeia em ordem.

É interessante notar que as regras de conduta firmadas pelo PCC devem ser exemplarmente executadas e seguidas por aqueles que ocupam a posição de lideranças. Nesse sentido, o ideal de liberdade, respeito, humildade e igualdade impera a tal ponto que as lideranças não devem dar ordens, nem se impor, mas atuar por meio do argumento e do convencimento, dando o exemplo a ser seguido pelos demais. Tudo indica, pela descrição (p. 98) de Moreira, que estamos diante de um líder sem poder de coerção, mas que está alicerçado por uma força altamente armada – o PCC. Por isso o autor argumenta que quanto mais um indivíduo sobe na hierarquia, mais

se encontra "fragilizado", algo que é corroborado por análises que incidem sobre o *partido*, como a de Karina Biondi:

> [1] *A disciplina do Comando existe como estratégia que almeja o estabelecimento da paz entre os ladrões, mas em nome desta paz, muitas das prescrições são suspensas, muitos imperativos são torcidos, manipulados e disputados em movimentos de improviso estrategicamente adotados (BIONDI apud MOREIRA, p. 99).*

Assim, as relações de poder internas ao comando são complexas e torcidas – usando por vezes de violência extrema –, com o intuito de manter a ordem e a conduta certa entre os ladrões.

A descrição da trajetória de Pedro termina com sua desinternação, que se segue logo após as ações do PCC em 2006 na cidade de São Paulo. Para entender e acompanhar as reverberações internas na instituição após esse episódio, que marca justamente o poderio do PCC para além dos muros das cadeias e do círculo do crime, Moreira passa a narrar a história de Túlio, que se torna uma liderança nesse novo contexto.

Pela trajetória de Túlio, que passa por diferentes unidades de internação, o autor apresenta as diferenças entre as unidades *dominadas* e aquelas que permanecem nas mãos *dos funça* (comandada pelos funcionários). Uma atenção especial é dada aos procedimentos que incidem sobre o corpo dos detentos: as posturas de andar e falar, presença e ausência de agressões, uso de uniformes ou de roupas comuns, alimentos padronizados ou de fora da instituição são algumas diferenças que marcam uma cadeia *dominada* ou não.

Uma das transformações fundamentais na instituição ocorre após os ataques do PCC em 2006: o partido levanta a bandeira branca, anunciando a paz nas cadeias – que ao que indica uma autora citada por Moreira, Camila Dias (2008), teria sido resultado de um acordo entre o Governo do Estado e o PCC. A bandeira branca acaba por impedir punições corporais por parte das lideranças em meninos da *população* que tenham infringido regras do *partido*. Contudo, as condutas erradas (de acordo com o proceder da bandidagem) são anotadas e ficam em suspenso aguardando o momento em que se volte a autorizar as punições. A bandeira branca também não incitava mais as rebeliões e fugas, ações que caem drasticamente desde esse evento.

Com o número de rebeliões caindo após 2006 e as estatísticas de reincidência melhorando, o governo apresenta dados para indicar a eficácia da política

[1] BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

socioeducativa implantada pelo Estado. Ao final de 2006, além da bandeira branca, houve uma série de medidas da instituição, como a construção de unidades menores no interior de São Paulo, com o intuito de desarticular a massa de internos. Se os infratores compreendem a diminuição das rebeliões e fugas como uma ação direta das diretrizes do PCC com o hasteamento da bandeira branca, o governo de São Paulo a lê como função de sua ação de descentralização dos serviços e das medidas socioeducativas. Moreira, sem aderir a uma ou outra interpretação "partidária", aponta que há uma combinação de fatores nesse contexto que conduz aos fatos contabilizados pela estatística.

Em Franco da Rocha, palco onde se desenrola a maior parte da internação de Pedro e Túlio, e que era considerada uma unidade *dominada*, após 2006 começa gradualmente a ser desestruturada internamente. As lideranças antigas começam a sair e as novas perdem espaço, até que o domínio por parte dos infratores vai passando para as mãos dos funcionários. Em 2009, a instituição era gerida internamente pelo sistema funcional.

Contudo, como enfatiza o autor desde o início de sua reflexão, se o desafio que se apresenta é etnografar uma instituição que não é estática, mas sim processual e se modifica com constância, o terceiro capítulo nos apresenta uma das unidades da Fundação Casa conhecida como *parque dos monstros*, justamente por ter sido uma cadeia *dominada* e por conter infratores de grande periculosidade, os quais se encontravam no ápice da organização dos menores. Se após 2006 essa unidade é desfeita, sendo os internos transferidos e o espaço reformado, quando retorna à atividade o antigo *parque dos monstros* (a unidade 37 da rodovia Raposo Tavares) volta como uma unidade na mão dos *funça*.

Contudo, dado seu caráter dinâmico, ao fim de 2008 e começo de 2009 inicia-se uma reviravolta na organização interna dessa unidade, com uma tomada crescente de poder por parte dos internos que seguem os preceitos do *Comando*. Mais uma vez a instituição escapa à fotografia datada que uma etnografia é capaz de produzir e nos apresenta aos princípios articuladores de sua transformação, a saber: a estratégia das jovens lideranças de enfrentar o sistema institucional, conhecendo sua reação violenta frente ao enfrentamento, que ao ser devidamente denunciada às entidades de direitos humanos sofre intervenção, tendo funcionários afastados, o que diminui o corpo repressor e possibilita uma crescente tomada de poder por parte dos jovens infratores sintonizados ao PCC. Vemos assim que a dinâmica da instituição repressora não cessa e novas reviravoltas se delineiam, o que

leva Moreira a concluir: “a mutabilidade configura-se como uma propriedade indelével da própria estrutura funcional” (p. 174).

Por fim, o autor nos mostra como ocorre a comunicação, a articulação entre os jovens internos e o *mundão* (como designam o mundo extramuros), bem como com o PCC – trata-se do *salve geral*. Por meio desses comunicados difusos, já que não há uma centralização do movimento, mas sim vários *irmãos* que se articulam e tecem diretrizes e ações, o *salve geral* se apresenta como uma pedra de toque das ações do *partido*, pois é por meio do *salve* que se expressa e se efetiva a política oficiosa do crime. E, por sua vez, é essa organização e conduta da vida do crime que funciona como um dos princípios de mutabilidade da instituição: são as disputas de poder internas à Fundação Casa que espelham as disputas mais amplas do PCC com a sociedade e o Estado oficiais, que vêm incutindo dinâmica e movimentos tão intensos às instituições punitivas.

Referências

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A Igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

MOREIRA, Fábio Mallart. **Cadeias dominadas**: Dinâmica de uma instituição em trajetórias de jovens detentos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RECEBIDO: Novembro de 2013.

APROVADO: Dezembro de 2013.